



AS "LEITURAS DE MUNDO" DAS CRIANÇAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: um recorte sobre as produções científicas

Ana Paula Batista Pina
anapaulabatistapina@gmail.com

Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora de Educação Infantil no Colégio Marista João Paulo II (Brasília/DF) e Gestora voluntária do Instituto Socioeducacional Vidas, em Planaltina/DF.

Maria Lídia Bueno Fernandes
lidia@fe.unb.br

Doutora em Geografia (Geografia Física) pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Associada da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB).

RESUMO

Este trabalho surgiu da necessidade de compreender melhor como as noções do campo de conhecimento da Geografia ligada à ideia das relações as quais o sujeito estabelece com e no espaço têm sido trabalhadas na educação infantil. Para tanto, o estudo visa discutir como os pesquisadores têm produzido suas publicações científicas sobre a Geografia desenvolvida nos espaços de Educação Infantil, de modo a possibilitar reflexões acerca das produções científicas já publicadas sobre o tema. Utilizamos a pesquisa de cunho qualitativo, a qual para Flick (2009, p. 20) "é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido a pluralização das esferas da vida". Para isso, baseamo-nos no método de análise de conteúdo proposto por Lawrence Bardin (2011), o qual nos permite uma análise de textos, para percebermos similaridades e diferenças entre os conteúdos analisados. Assim, o estudo demonstrou que este é um campo de estudo em expansão, ainda que, para a sua melhor compreensão há que se ampliar o escopo da pesquisa para as diversas regiões do Brasil. O estudo demonstrou também a necessidade de compreendermos o papel da Geografia na primeira infância, e sua relevância às crianças na perspectiva do fomento às possibilidades de leituras de mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Geografia da Infância, Educação Infantil, Geografia.

THE CHILDREN'S "LEITURAS DE MUNDO" IN CHILD EDUCATION: a cutting of research on scientific papers

ABSTRACT

This paper arose from the need to better understand how the notions of the field of Geography knowledge related to the idea of the relationships that the subject establishes with and in space have been worked on in early childhood education. Therefore, the study aims to discuss how researchers have produced their scientific publications in Geography developed in the areas of early childhood education, in order to allow reflections on the scientific publications already published on the subject. We use the qualitative research, which for Flick (2009, p. 20) "is of particular relevance to the study of social relations due to the pluralization of life spheres". In order to do so, we are based on the content analysis method proposed by Lawrence Bardin (2011), allowing us to analyze text and perceive similarities and differences between the analyzed contents. Thus, the study has shown that this is an expanding field of study, even though, in order to improve the comprehension of this expansion, the research scope must reach different regions of Brazil. Moreover, such discussions need to be expanded to the various regions of our country. The study also demonstrated the need to better understand the role of geography in early childhood and how important it is to children for their world readings.

KEYWORDS

Geography of Childhood, Child education, Geography

Introdução

[...] onde estavam os lugares, as paisagens, o mundo que tanto gostava? [...] Via só palavras, números, mas, onde estavam as outras coisas? (LOPES, 2015, tradução nossa)

O presente trabalho inicia-se com o trecho que foi extraído do curta-metragem "o menino que perdeu sua Geografia" (LOPES, 2015, tradução nossa) o qual retrata sensações e percepções de um menino que foi silenciado pelo sistema escolar, assim seus olhares e sua visão de mundo foram distanciados de sua realidade.

A epígrafe traduz impressões da pesquisadora como docente de educação infantil e suas inquietações diante do silenciamento ou da invisibilidade das "leituras de mundo" das crianças que emergem no cotidiano escolar, "leituras" essas que possibilitam que as crianças compreendam e transformem os *espaçotempos* em que habitam. Tais inquietações começaram a se reverberar no olhar da pesquisadora-professora ao perceber cotidianamente as expressões de espanto e alegria que as crianças demonstravam quando

descobriam algo novo que articulava a escola e a vida, e que muitas vezes não eram percebidas em meio a rotina escolar.

Inquietações respaldadas em estudos durante a graduação em Pedagogia, principalmente pelos conhecimentos adquiridos ao longo de três pesquisas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que demonstraram a importância de perceber as crianças como sujeitos participantes da pesquisa e de suas aprendizagens; e na experiência profissional como docente em turmas de educação infantil, percebendo como as crianças, ao expressar seus conhecimentos e visões de mundo nos espaços de educação infantil, são silenciadas nas práticas escolares, tendo como argumentos docentes o fato de que muitas vezes esses saberes não correspondem explicitamente aos objetivos curriculares daquele nível escolar.

Dessa forma, surgiu a necessidade de compreender melhor como as noções do campo de conhecimento da Geografia, ligada à ideia das relações que o sujeito estabelece com e no espaço têm sido trabalhadas na educação infantil. Afinal, pela apropriação da linguagem geográfica, a criança pode “lutar para construir e compreender suas próprias interpretações subjetivas” (LOPES, 2018, p. 9), sobre o mundo no qual vivem.

Assim, neste trabalho apresentamos um estudo do estado do conhecimento sobre as publicações científicas de artigos, de modo a extrair descritivamente os variados olhares dos pesquisadores brasileiros em suas publicações de artigos científicos sobre como as noções de Geografia são desenvolvidos nos espaços de educação infantil e também sobre como a Geografia da Infância vem sendo discutida nesses trabalhos, a qual se apresenta como o campo do conhecimento que busca “dialogar com as crianças e suas infâncias, tendo como ponto de partida essas espacialidades, as configurações que dela emanam, dentre as quais destacamos a paisagem, o território e o lugar” (LOPES, 2018, p. 61). Tais análises têm como objetivo compreender como as “leituras de mundo” das crianças têm sido percebidas nessa etapa da educação básica.

O que revelam os artigos: análise das produções científicas

Para isso, a referida revisão bibliográfica é de cunho qualitativo (FLICK, 2009) de modo a construir um breve estado do conhecimento das produções acadêmica dessa disciplina, tendo como eixo de aplicação, os espaços escolares voltados para crianças.

Para tanto, foi utilizando o método de análise de conteúdo, descrito por Lawrence Bardin (2011, p. 48), como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

A análise foi estruturada em etapas: a primeira como relacionada à coleta dos artigos, para realizá-la utilizamos as plataformas *Googlescholar*; *Scielo* e *CAPES*. Fizemos busca pelos artigos para compor o nosso *corpus*, utilizando para isso, as palavras-chave combinadas: "geografia" e "educação infantil"; "geografia" e "infância"; "criança" e "espaço tempo"; e "infância" e "espaço tempo" trazendo assim, um foco conceitual maior em nossa pesquisa. Salientamos que para essa coleta de artigos, o termo *espaçotempo* precisou ser utilizado de forma separada e sem o uso de hifens, haja vista que assim, encontramos artigos com essa combinação de palavras, e da outra forma, como uma única palavra não encontramos artigos.

Para o processo de busca pelos artigos que ocorreu no segundo semestre do ano de 2018 e início do semestre do ano de 2019, utilizamos apenas as combinações de palavras como filtro da pesquisa e a escolha pelo idioma português, não havendo um recorte temporal delimitado nessa etapa da busca. Assim, encontramos artigos científicos publicados entre o período de 2001 a 2018. Com isso, coletamos 29 artigos, os quais estão descritos no quadro a seguir:

Tabela 1: Lista de artigos do corpus

	Artigo	Autor	Palavras-chave	Universidade-Revista	Ano
1	Da relação corpo-sol à relação corpo-experiência vivida, uma leitura da orientação espacial na Geografia de Dona Benta	Filipe Rafael Gracioli e João Pedro Pezzato	Experiência. Espaço geográfico. Orientação espacial. Literatura Infantil.	Interface da educação	2014
2	Geografia na pré-escola: desafios de uma alfabetização cartográfica	Franciele Pedroso Silva; Eliza Dias e Roberto Verdun	Mapa; Aprendizado Escolar; Leitura do Espaço Geográfico; Estratégia Locacional	Revista Raega, UFPR	2017
3	O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades e ruas e parquinhos de uma metrópole	Gabriela Souza Cotrim e Ilka Dias Bichara	Espaços urbanos, brincadeiras infantis, parques infantis.	Psicologia: Reflexão e Crítica	2013

	Artigo	Autor	Palavras-chave	Universidade-Revista	Ano
4	Petrópolis com olhos de crianças: o retrato do espaço urbano como suporte didático	Ana Cecília Machado Dias	Infância; Cultura; Imagens; Cidade	ETD - Educação temática digital (Campinas)	2010
5	Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar	Sonia Maria Vanezella Castellar	Educação. Geografia. Aprendizagem. Saber pedagógico e formação.	Caderno CEDES, Campinas	2005
6	"A preto e branco": a Geografia na Educação pré-escolar	Miguel Castro	Pré-escolar; Geografia; Narrativas; Oposições Binárias	III Seminário de I&DT, organizado pelo C3i – Centro Interdisciplinar de Investigação e Inovação do Instituto Politécnico de Portalegre	não descrito
7	Geografia da Infância: territorialidades infantis	Jader Janer M. Lopes; Tânia Vasconcellos	infâncias, identidades, territórios.	Currículo sem fronteiras	2006
8	Geografia da Infância: constribuições aos estudos das crianças e suas infâncias	Jader Janer M. Lopes	Geografia. Infância. Crianças. Espacialidades.	Seminário de Educação 2012 - Universidade Federal de Mato Grosso	2013
9	O que dizem as crianças ribeirinhas da Vila do Piriá - Curralinho/PA - acerca de suas práticas culturais	Simei Santos Andrade; Magali dos Reis; e Laura Maria Silva Araújo Alves	práticas culturais; crianças ribeirinhas; vila do piriá - curralinho/pa.	Childhood & Philosophy	2018
10	"A gente vai cavando, cavando e cavando até chegar ao tesouro!": cartografia com crianças pequenas	Thiago Bogossian	Cartografia com crianças, Geografia da Infância	Territorium Terram	2014
11	Infância em Gaston Bachelard: reflexões sobre o ensino de Geografia	Juliana Maddalena Trifilio Dias	Gaston Bachelard; Infância; Geografia humanista; Fenomenologia.	Revista da abordagem gestáltica - Phenomenological studies	2016
12	A criança e a cidade: contribuições da Geografia da Infância	Jader Janer Moreira Lopes e Maria Lidia Bueno Fernandes	Crianças. Infância. Cidades. Geografia da Infância.	Educação (Porto Alegre)	2018
13	Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro	Maria Lidia Bueno Fernandes e Jader Janer Moreira Lopes	vivência; unidade sujeito-meio; quilombo.	Em aberto	2018
14	Mundo-rua: conceito fotografado por crianças	Regina Célia Frigério	Fotografia, Mundo-rua, Lugar, Geografia da Infância.	Revista Brasileira de Educação em Geografia	2013

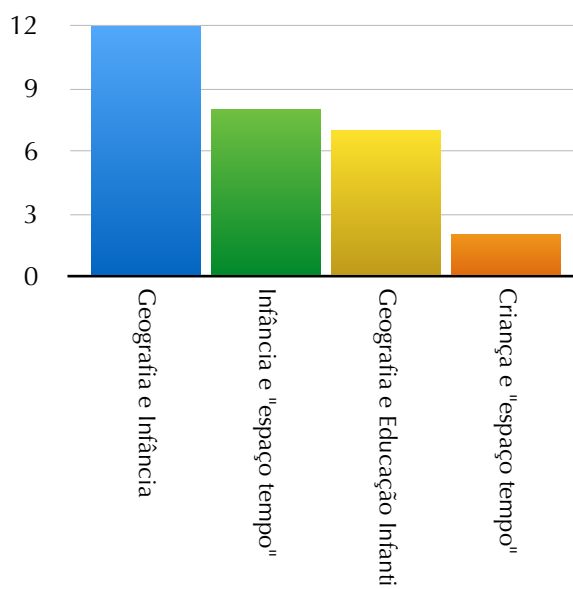
	Artigo	Autor	Palavras-chave	Universidade-Revista	Ano
15	As relações entre desenho e representação espacial na infância: um estudo sob a ótica da teoria sócio-cultural das relações tempo-espaco-corpo	Paula Cristiane Juliasz e Rosangela Doin de Almeida	não descrito	I Congresso Brasileiro de organização do espaço	2010
16	Geografia da infância: onde encontramos as crianças?	Jader Janer Moreira Lopes e Bruno Muniz Figueiredo Costa	Geografia da Infância. Crianças. Espaço geográfico.	Acta Geográfica	2017
17	Geografia das crianças, geografia das infâncias: as contribuições da Geografia para os estudos das crianças e suas infância	Jader Janer Moreira Lopes	Crianças. Infâncias. Geografia da Infância.	Contexto e educação	2008
18	Infância e cidade: Porto Alegre através das lentes das crianças	Fernanda Müller	Cidade. Etnografia. Fotografia. Infância.	Educação e Realidade	2012
19	Currículo para os pequenos: o espaço em discussão!	Gizele de Souza	educação infantil, espaço escolar, currículo para crianças de zero a seis anos.	Revista Educar, UFPR	2001
20	Orientações para docência na educação infantil e a constituição do conceito de espaço	C. I. Pieper; G. Ghiggi; P. M. Chaves	Educação Infantil. Conceito de espaço. Ciência geográfica. Atuação docente. Espontaneísmo	Revista Holos	2018
21	Infância(s) entre o campo e a cidade: perspectivas das crianças quilombolas em Cavalcante/ Goiás/ Brasil.	Maria Lidia Bueno Fernandes	não descrito	Estudios Sociales: Memoria del 56o Congreso Internacional de Americanistas	2018
22	Um não-lugar escolar para crianças afrodescendentes da periferia das periferias.	Maria Cristina Schefer; Gelsa Knijnik	não lugar escolar; cotidiano escolar escolares afrodescendentes	Revista da ABPN	2016
23	Espaço e tempo	Djanira Soares de Oliveira e Almeida	criança. espaço. tempo. professor. educação infantil.	Camine: Caminhos da educação	não descrito
24	Reflexões sobre experiências brincantes de crianças na educação infantil	Raquel Firmino Magalhães Barbosa	Criança. Brincadeira. Protagonismo Infantil.	EDUCERE	2015
25	Culturas infantis: entrelaçando fios das infâncias e fios da escola	Gleisy Vieira Campos	Infâncias. Crianças. Socialização. Práticas culturais	EDUCERE	2015

	Artigo	Autor	Palavras-chave	Universidade-Revista	Ano
26	Crianças como atores sociais no espaço/tempo da creche: um olhar pela sociologia da infância	Janaina Nogueira Maia Carvalho; Marta Regina Brostolin	Crianças, Atores sociais, Creche e Sociologia da Infância.	Nuances	2017
27	Crianças e infâncias na educação (em tempo) integral	Levindo Diniz Carvalho	Crianças. Infâncias. Educação Integral.	Educação em revista	não descrito
28	O espaço onde se brinca na educação infantil	Suzana Marcolino; Suely Amaral Mello	Desenvolvimento Infantil. Brincadeira. Educação Infantil. Psicologia Histórico-Cultural.	Nuances	2015
29	Mikhail Bakhtin e Manoel de Barros: entre cronotopo e a infância	Paloma Dias Silveira; Margarete Axt	Estética; Cronotopo; Infância	Bakhtiniana	2015

Org.: Elaboração das autoras (2020)

Dos 29 artigos, 12 artigos foram coletados a partir da busca com as palavras combinadas “geografia” e “infância”, oito artigos foram coletados a partir da busca com as palavras combinadas “infância e “espaço tempo”, sete artigos foram coletados a partir da busca com as palavras combinadas “geografia” e “educação infantil”; e dois artigos foram coletados a partir da busca com as palavras combinadas “criança” e “espaço tempo”, como se vê no gráfico a seguir:

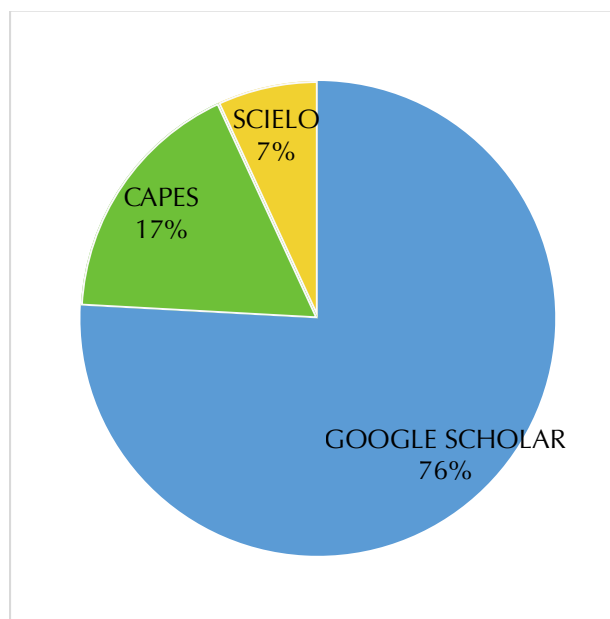
Figura 1: Relação de artigos por palavras-chave



Org.: Elaboração das autoras (2020)

Um dado interessante que a análise dos textos revelou é que utilizando a plataforma *GoogleScholar* conseguimos totalizar 22 artigos, o que representa mais de 75% do *corpus*, sendo que quatro artigos foram encontrados por intermédio da combinação “geografia” e “educação infantil”, 10 artigos foram encontrados por intermédio da combinação “geografia” e “infância”, seis artigos foram encontrados por intermédio da combinação “infância” e ‘espaço tempo’, e dois artigos foram por intermédio da combinação “criança” e “espaço tempo”. Já com relação às buscas utilizando a plataforma da CAPES, conseguimos totalizar cinco artigos, sendo que dois artigos foram encontrados por intermédio da combinação “geografia” e “educação infantil”, dois artigos foram encontrados por intermédio da combinação “geografia” e “infância”, e um artigo foi encontrado por intermédio da combinação “infância” e “espaço tempo”. E com relação às buscas utilizando a plataforma da Scielo, conseguimos dois artigos, sendo que um artigo, foram coletados a partir da combinação “geografia” e “educação infantil”, e o outro artigo que foi coletado por intermédio da combinação “infância” e “espaço tempo”; como se vê no quadro abaixo:

Figura 2: Acesso às plataformas para construção do *corpus*

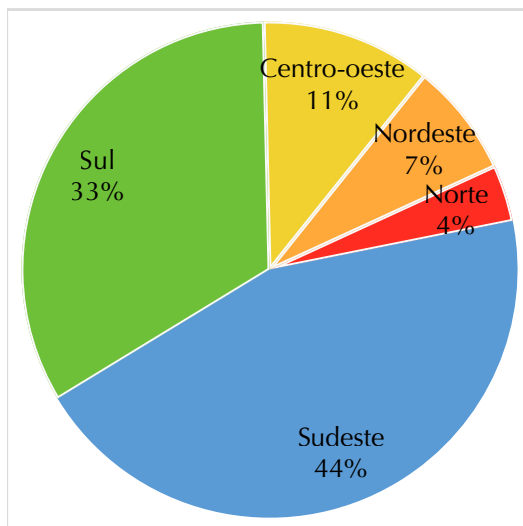


Org.: Elaboração das autoras (2020)

Além disso, destacamos que a região de nosso país que mais apresentou artigos publicados com a temática de estudo, foi a região sudeste, com um total de 12 artigos oriundos de periódicos da cidade de São Paulo. Seguidos, da região Sul, com um total de

nove artigos. E sequencialmente, a região Centro-Oeste, com três artigos; a região Nordeste com dois artigos e a região Norte, com um artigo. Quanto aos dois outros artigos, um deles não foi possível localizar a região de origem do periódico, e o outro foi publicado por pesquisadora brasileira em periódico em língua espanhola. O quadro a seguir apresenta esta distribuição.

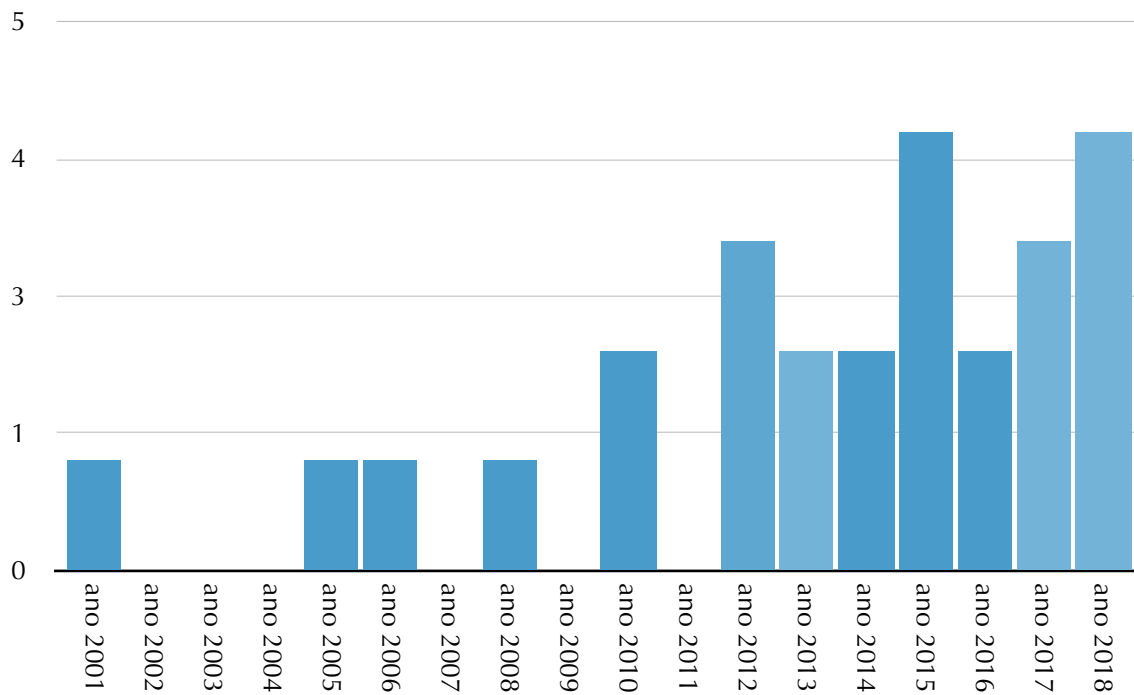
Figura 3: Quantidade de artigos publicados por região do país



Org.: Elaboração das autoras (2020)

Salientamos também que os artigos foram encontrados com um vasto período temporal de publicação, sendo que o maior número de publicações foi nos anos de 2015 e de 2018, apresentado quatro artigos em cada um desses anos. Como se vê no quadro abaixo:

Figura 4: Quantidade de artigos publicados por ano



Org.: Elaboração das autoras (2020)

Após essa coleta de artigos, consolidamos então o nosso *corpus* que se constitui como “um conjunto de documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2011, p. 126), o qual na presente pesquisa se apresenta como os 29 artigos que tratam acerca do tema de pesquisa.

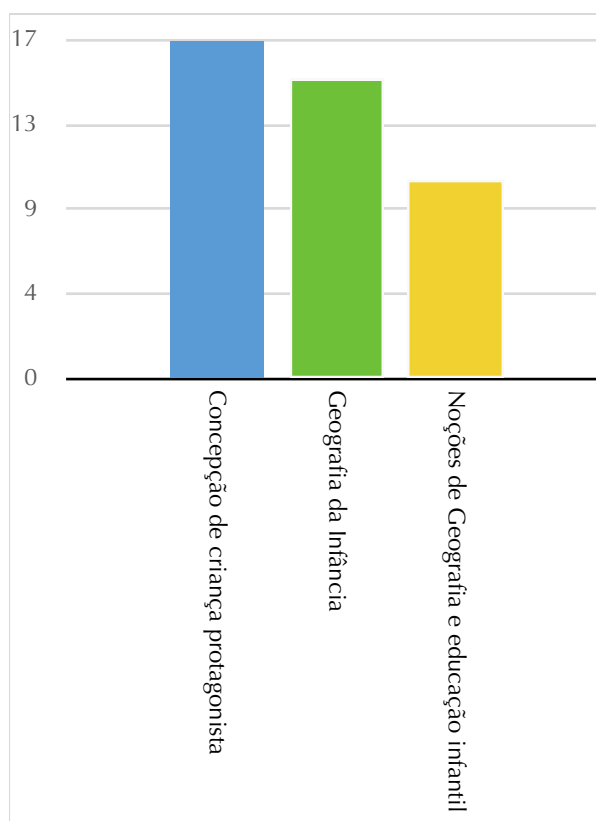
A partir dessa coleta de artigos, partimos para o processo de leitura flutuante que é o modo de “estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto deixando-se invadir por impressões e orientações” (BARDIN, 2011, p. 126) acerca do tema de pesquisa. Assim, foi possível organizar os textos de estudo, de modo a construir um processo de codificação, transformando dados brutos dos textos de forma sistematizada em agrupamentos e unidades de análise. Para em seguida, partimos para o processo de categorização que se dá por meio da transformação ou do tratamento desses dados brutos em dados organizados e prontos para análise e reflexão, para isso, critérios podem ser estabelecidos como forma de organização e padronização dos documentos coletados.

Com isso, os 29 artigos foram lidos, codificados e por fim categorizados de modo a estabelecer uma relação de similaridades e diferenças que possibilitassem a construção de uma análise e reflexão do tema.

Posto isso, algumas categorias de análise foram construídas de modo a estabelecer relações entre os 29 artigos que compõem o *corpus* da pesquisa. Assim, a fim de construir a análise de todo o *corpus* da pesquisa, estabelecemos três categorias de análise, que contemplassem a discussão presente nos artigos coletados, assim, as categorias elencadas são: a) criança protagonista; b) noções da Geografia na Educação Infantil; e c) geografia da infância. Tais categorias foram analisadas com o intuito de agregar saberes à discussão que também apresentamos neste trabalho. De modo a estabelecer conexão entre o estado conhecimento do campo estudo com o tema investigado nesta presente pesquisa.

Com isso, estabelecidas essas categorias, buscamos identificar artigos que tratassem de tais categorias, observando suas similaridade e diferenças conceituais acerca do tema. Assim, como observamos no gráfico abaixo dos 29 artigos de estudo, sendo que 17 artigos discorrem sobre a concepção de criança protagonista, 15 artigos descrevem a Geografia da Infância, e 10 artigos tratam das noções da Geografia e a educação infantil.

Figura 5: Categorias encontradas nos artigos do corpus



Org.: Elaboração das autoras (2020)

Concepção de criança protagonista

Quanto à categoria “criança protagonista” os dezessete artigos (artigos 4, 5, 7, 9, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 21, 22, 24, 25, 26, 27 e 29) versam sobre concepções de criança, cada um com as especificidades do olhar de seus pesquisadores, mas, todos trazendo similaridades no que diz respeito a uma compreensão contemporânea acerca da criança como protagonista de suas relações, trazendo também a compreensão de que o conceito de infância é uma categoria social constituída de sujeitos produtores de cultura, em seus *espaçotempos*, apresentando assim uma dimensão plural desse constructo social que é:

atravessado dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes traços simbólicos. As crianças ao se apropriarem dessas dimensões, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes histórias e geográficas (artigo 17, p. 67)

Os artigos 4, 5, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 21, 26, 24 e 29 apresentam uma perspectiva crítica e histórica acerca da mudança de olhar sobre a criança, e para isso, o artigo 4 descreve que “ao longo dos séculos a criança foi considerada sem direito a voz: construções históricas e sociais que merecem ser rompidas buscando respeitar e fazer valer os direitos das crianças em nossa sociedade” (artigo 4, p. 190). Nesse sentido de transformação do olhar acerca da criança, o artigo 12 pontua que é importante não se trabalhar com a perspectiva do *vir a ser*, mas, há sim que se reconhecer a pluralidade e a potência das crianças na sociedade em que vivem. Essas reflexões corroboram o que o artigo 18 nos revela, que “[...] conceber as crianças como irracionais, passivas e totalmente dependentes dos adultos não contribui para a compreensão das relações sociais mais amplas [...]” (artigo 18, p. 297). Já, o artigo 5 apresenta a perspectiva piagetiana de modo a compreender o desenvolvimento da criança em suas variadas faixas etárias, dando ênfase à constituição da compreensão do espaço por parte da criança.

Os artigos 7, 9 e 17 descrevem como podemos perceber a potencialidade das crianças em suas realidades. Para isso, o artigo 7 defende que é necessário compreendermos a infância como um artefato social, ou seja “uma infância “engatada” em sua realidade” (artigo 7, p. 104). E o artigo 9 ilustra, com base em uma pesquisa em campo, que “aprender a infância amazônica é abrir possibilidades para entender a identidade do ser” (artigo 9, p. 216).

Salientamos que cinco dos 17 artigos que apresentam essa categoria de análise versam sobre a relação entre escola e essa nova concepção de criança como sujeito ativo no mundo contemporâneo. Quanto a essa relação, os artigos 4, 5, 22, 25 e 27 trazem reflexões de como a escola pode contribuir nesse processo de desenvolvimento da criança como sujeitos ativos em seus processos educativo. Para isso, o artigo 5 aponta que não há que se preocupar apenas em orientar as crianças acerca de conceitos e conhecimento correlatos a suas faixas etárias, mas, há que se valorizar suas vivências e, a partir dessas, traçar caminhos para aprendizagem. Para tanto, o artigo 4 afirma que:

Acreditar no potencial infantil nos leva a delinear caminhos que contribuam para a participação das crianças enquanto colaboradoras no processo de ensino-aprendizagem, ressaltando e valorizando a infância considerando as especificidades das crianças em suas múltiplas linguagens, ou seja, uma possibilidade de viver uma cultura escolar que respeite e valorize o pensamento infantil. (artigo 4, p. 200).

Geografia da Infância

Referente aos 15 artigos (artigos 3, 4, 7, 8, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21 e 29) que discorrem sobre a Geografia da Infância, 11 desses artigos apresentam uma defesa da criança como protagonista. Sendo que 10 desses artigos, além de tratarem da criança como protagonista, tratam também da relação dessa criança com o espaço.

Quanto aos 11 artigos que versam sobre o protagonismo das crianças, os artigos 4, 12 e 16 destacam que é necessário romper com a concepção de criança como uma fase preparatória para a vida adulta e assim, romper com a “visão de uma infância marcada por aquele que não fala, etimologia da palavra infante.” (artigo 4, p. 190), destacando para tanto, que criança é “alguém que interage com o meio social, que produz cultura, experimenta, observa e é curiosa, capaz de aprender por diferentes caminhos” (artigo 4, p. 201). Pois, como disse o artigo 14, as crianças são atores sociais, “sujeitos produtores de cultura, seres ativos situados no tempo e espaço” (artigo 14, p. 26). E por isso, como destacou o artigo 17, a infância “se dá num amplo espaço de negociação que implica a produção de culturas de criança, do lugar, dos lugares destinados às crianças pelo mundo adulto e suas instituições e das territorialidades de criança [...]” (artigo 19, p. 67).

Colocando a criança como protagonista das relações que ela estabelece, seja entre pares seja em suas interações com adultos. Para isso, a criança precisa ter a

liberdade de se expressar, e poder dizer "o que pensa, o que deseja, o que quer, e o que anseia" (artigo 9, p. 216).

Portanto, "não é possível falar em uma única infância, mas na pluralidade de sociedades que cobrem a superfície terrestre" (artigo 10, p. 290). Por isso, como descreveu o artigo 18, as crianças são agentes ativos que se apropriam do mundo do adulto e o transformam, além de dominarem melhor certos conhecimentos técnicos e de colaborarem nos processos de socialização das suas próprias famílias, como no caso dos imigrantes, por exemplo. E como colocou o artigo 13, quando "analisamos o cotidiano da infância na comunidade, é possível perceber, nos ínfimos detalhes, o enraizamento na cultura, a partir, inclusive, da cooperação, da aprendizagem na e com a presença do outro" (artigo 13, p. 142).

O artigo 3 pontuou a necessidade de se efetivar a construção de espaços de crianças ao invés de espaços para as crianças. Nesse sentido, o artigo 7 propõe que o papel fundamental da Geografia da Infância, é:

a compreensão da infância em seus diferentes contextos, ou seja, como os arranjos sociais, culturais, produzem as infâncias em seus diferentes espaços e tempos e como as crianças ao se apropriarem dessas dimensões sociais, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes geografias. (artigo 7, p. 122).

Quanto aos 11 artigos que discorrem acerca da relação entre a criança e os espaços, os textos refletem sobre a necessidade de tornar visível as relações que as crianças, estabelecem com os espaços. Corroborando com esse entendimento, o artigo 7 afirma que "as interações que se estabelecem entre sujeitos e lugares não são uma mera relação física, mas uma relação carregada de sentido e mediada pelos demais sujeitos que o ocupam" (artigo 7, p. 119). E por isso, é salutar reconhecer a "necessidade de compreender as infâncias e a vida das crianças a partir dessas produções socioespaciais" (artigo 12, p. 205). Afinal, como percebemos no artigo 14, o espaço "deixa de ser visto como 'palco' e passa a ser visto como elemento da composição humana" (artigo 14, p. 34). E, portanto:

o sentido de infância é atravessado, dessa forma, pelas dimensões do espaço e do tempo que, ao se agregarem com o grupo social, produzem diferentes arranjos culturais e diferentes traços simbólicos. As crianças ao se apropriarem dessas dimensões, as reconfiguram, as reconstróem, e ao se criarem, criam suas diferentes histórias e geografias (artigo 17, p. 67).

Assim, inspirado na fala de Bakhtin, o artigo 16, indica que “as crianças existem, possuem um ser e estar no mundo e que não podem ser invisibilizadas ou emudecidas em nossa relação responsiva para com o outro” (artigo 16, p. 102). Nesse sentido, regulamentações foram instituídas, como pontuou o artigo 8, a fim de ampliar “a ideia do direito da criança ao espaço e, assim, um outro foco ganha força nos estudos da Geografia da Infância, a noção de território, de espaço como direito politicamente definido” (artigo 8, p. 290).

E é com esse entendimento e, na perspectiva de valorização da relação da criança com o espaço, que defendemos o direito da criança de conhecer a cidade em que vive “estabelecendo relações significativas e ampliando oportunidade de experiências culturais” (artigo 4, p. 192).

Noções da Geografia e educação infantil

Concernente aos 10 artigos (artigos 1, 2, 5, 6, 10, 11, 19, 20, 23, 28) que versam sobre as noções da Geografia e educação infantil, esses tratam a didática e o modo de se trabalhar noções de Geografia no contexto da educação infantil, sendo que um deles se preocupa em fazer apontamentos sobre o conhecimento dos docentes de educação infantil sobre a Geografia.

Assim, os artigos 2, 5, 6, 19, 20, 23 e 28 trazem um olhar contemporâneo da educação, quanto a isso, o artigo 2 aponta que a Geografia escolar precisa abordar “os temas do cotidiano, das experiências dos alunos” (artigo 2, p. 237). E por isso, como defende o artigo 5, é importante pensarmos a um campo do conhecimento que desenvolve a ideia “de espaço na sua dimensão cultural, econômica, ambiental e social” (artigo 5, p. 211). Com isso, será possível “atrair a atenção das crianças para a Geografia” (artigo 6, p. 2). E como propõe o artigo 19, “reforça-se, assim, a necessária disposição em dirigir o olhar para os sentidos que o espaço provoca, e [...] dar inteligibilidade às destinações e apropriações feitas no espaço social/educacional” (artigo 19, p. 10).

Para tanto, o artigo 10, destaca a importância de se questionar sobre as possibilidades de aprendizagens e descobertas que, como educador, tem proposto às crianças. E o artigo 11, conclama à reflexão sobre como a Geografia Humanista tem sido desenvolvida nas ancoragens teóricas do fazer docente.

Já, no que diz respeito à organização didática do docente, um olhar mais distante das propostas atuais de concepção pedagógica emergiu do artigo 1, que traz uma proposta para o uso de um livro paradidáticos como o livro que envolve a Geografia da Dona Benta.

E quanto ao conhecimento que os docentes têm acerca da Geografia, o artigo 5 defende que esse conhecimento seja bem consolidado já na formação dos futuros professores da educação infantil, e para o artigo 5 defende o “saber-fazer em geografia, ou seja, a capacidade de aplicação dos saberes geográficos nas atividades escolares, dando destaque para o papel que a disciplina Metodologia do Ensino de Geografia tem na formação docente.” (artigo 5, p. 210).

Considerações finais sobre a análise dessas produções científicas

Assim, após a análise – codificação e categorização – dos conteúdos tratados nos 29 artigos que compuseram nosso *corpus* de pesquisa, notamos que a maior parte dos artigos do *corpus*, ou seja 17 artigos, dizem respeito à categoria que discorre sobre o conceito de criança protagonista; em segundo lugar, encontramos também um número considerável de 15 artigos que discorrem acerca da Geografia da Infância e por fim, um número menor de 10 artigos que descrevem sobre noções de Geografia e educação infantil.

O número de 17 artigos que representam quase 60% do *corpus*, já nos demonstra que a maioria dos artigos vem apresentando a criança como sujeito protagonista de suas relações. Quanto a isso, consideramos um salto positivo o fato de esse tema já vir sendo discutido em meios acadêmicos de forma ascendente, o que possibilita inferir que a infância no cenário atual das publicações científicas nacionais têm sido valorizadas como categoria social que perpassa gerações, além de valorizar sua pluralidade. Por isso, as crianças têm sido percebidas como sujeitos que se apropriam dos lugares, de modo a reelaborar suas culturas e *espaçotempos*, conceito este discutido por Lopes (2018, p. 59) como “herdados das gerações anteriores, prenes de um passado, mas também do momento atual” e que, portanto, constituem-nos como sujeitos sociais envolvidos por condições históricas e geográficas.

Outro ponto também relevante, é apontarmos que a publicação de artigos com essa temática de estudo vem crescendo com o passar do tempo, pois, a maior quantidade de artigos presentes em nosso *corpus*, é oriundo da faixa temporal dos últimos cinco

anos, o que totaliza 17 artigos de um total de 29 artigos, representando com isso, quase 60% dos artigos publicados são recentes.

Apesar de percebermos com essa análise um crescimento nas publicações, e uma ampliação da abordagem de criança protagonista, há que destacar, que no âmbito das fontes pesquisada neste trabalho, as regiões Sudeste e Sul de nosso país, foram as que mais publicaram trabalhos com essa temática.

Outro destaque também é por que a maioria dos artigos que versam sobre a Geografia da Infância ainda utilizam essa classificação do campo tendo a infância no singular? Reconhecemos a importância de empregar o termo infância no plural, a fim de reiterar a pluralidade dessa categoria social. Para tanto, citamos Fernandes e Lopes (2018, p. 666)

adota-se “Infâncias” no plural, sem, contudo, propor a invisibilização dos marcadores sociais, étnico-raciais, de classe, de gênero e de territorialidade, o que, nessa perspectiva teórico-metodológica, é imprescindível, considerando o diálogo com autores que se opõem à tentativa de normalização e normatização das infâncias e de seus tempos/espacos.

Referências Bibliográficas

- BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. 1ª Edição. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular** – BNCC 2ª versão. Brasília, DF, 2016
- FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FERNANDES, M. L. B.; LOPES, J. J. M.. Apresentação dossiê geografia das infâncias: fronteiras e conexões. **Revista Educação Foco**, v. 23, n. 3, p. 661-676, 2018.
- LOPES, J. J. M. **Geografia e Educação Infantil: espaços e tempos desacostumados**. Porto Alegre: Mediação, 2018.
- LOPES, J. J. M. **El niño que perdió su geografía**. Chile: Campanha MineducnomateslaGeografia, 2015, 4 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=McB2UC4DXrc>>. Acesso em: 25 mai. 2020.

Recebido em 24 de setembro de 2019.

Aceito para publicação em 26 de maio de 2020.